

Após 40 dias de silêncio

Tudo nas mãos da Lúcia Ribeiro



	<p>Vera Tsurane "Enaltecer a nossa África"</p>	<p>Pag. 03 Planelles queixa-se de Sánchez "É preciso testemunhar a sua demissão prematura"</p>	
	<p>Pag. 04</p>	<p>Moçambique <i>Eu sou professora e isso é humilhante!</i></p>	
	<p>Pag. 05</p>		



O martelo compete à Lúcia Ribeiro!

O processo eleitoral que já começou com baixas ainda no recenseamento, com acusações e



processos judiciais entre os partidos, isso antes do grande desastre que foi o dia da votação, 11 de Outubro, com a violência é tolerância em alta, claro como jamais faltara nos pleitos eleitorais desse país mas desta vez foi de arrepiar. Mais arrepiante ainda, é o novo tipo de conflito pós-eleitoral, que surge neste processo, um Conflito em que a Renamo não fala, aliás sublinha que a sua reacção aos resultados em discussão não prevê recurso à armas, muito estranho mas é ao de todo muito bom, até porque tais armas nunca foram usadas da melhor maneira pois, foram sempre destinadas a morte do povo e nunca apontadas ao verdadeiro inimigo, que seria a Frelimo concretamente. Foi bom também porque a Renamo está até hoje a reivindicar a sua vitória nalguns municípios e, diga-se, dando de fazer a Frelimo sem precisar anunciar a pólvora.

Esses dois partidos estão a bater-se fortemente na disputa eleitoral, e dos dois, um é sem vergonha, porque alega ter vencido o que não venceu, visto que, estão ambos a festejar. Os órgãos de

gestão eleitoral, com os epítetos de fracos e corruptos já tão bem desgastados, talvez considerá-los mesmo incompetentes, não fizeram nessas eleições patavina nenhuma do que realmente os compete. Os tribunais é que tiveram de arregañar as mangas para amenizar ou então agudizar os conflitos que lhes foram apresentados, mas tudo foi em vão, a decisão final passa por cima dos tribunais, dos órgãos de gestão eleitoral e até as passeatas reivindicativas terão de chegar ao fim e esta martelada



ficou nas mãos da Lúcia Ribeiro, a actual Presidente do conselho Constitucional que tem agora a missão de comunicar a nação o veredicto final. Verdade é, que esse processo eleitoral está um barril de pólvora, ainda que caracteristicamente desarmado, e isso desperta ainda mais curiosidades sobre o que a Ribeiro vai dizer, ou não vai dizer e seguir os trilhos do seu antecessor, Hermenegildo Gamito, que mesmo transbordando de sangue vermelho frelimista, despiu-se das dívidas ocultas

e virou as costas sem mergulhar no calote económico.

Na mesma sala de espera do Conselho Constitucional, entre gritos violentos da Frelimo e a Renamo, encontra-se diplomaticamente sentada, sem criar alaridos mas com uma ansiedade de governar Gurué e recuperar alguns mandatos em Chokwé, na província de Gaza, município que supostamente venceu nas urnas e o venceu ainda em tribunal mas a hora final é agora.

De salientar que o trabalho do Conselho Constitucional já está curso, pois esta instituição já pediu à Carlos Matsinhe, presidente da CNE para que fizesse a entrega das actas e editais do processo eleitoral para as suas análises. Paulo Cuinica, o antigo activista porta-voz da Comissão Nacional de Eleições confirmou que esta solicitação fora já cumprida e que cabe ao CC averiguar qualquer que seja, havendo, a irregularidade. OCC pediu os editais das cidades e vilas municipais em que



o furor pela vitória permanece alto, mas é para destacar que o CC ignora a situação de Gurué, província de Gaza, rejeitando sem análise as queixas do ND.



POR QUE O PRESIDENTE SOCIALISTA “PROGRESSIVO” ESPANHOL, PEDRO SÁNCHEZ PÉREZ-CASTEJÓN, HUMILIA A ESPANHA ASSIM?

Paco Planelles / Espanha

• Hoje é um dia triste para o Estado social e democrático de direito existente no Reino de Espanha, mas particularmente para o povo espanhol como um todo, onde Pedro Sánchez Pérez-Castejón - secretário-geral do PSOE, perdedor das últimas Eleições Gerais do 23 de julho antes que finalmente chegue o candidato conservador Alberto Núñez Feijóo! antes de H. M. O Rei, Felipe VI, e em pleno "sainete" político espanhol, é investido para um novo mandato como Presidente do Governo "in pectore" com os votos parlamentares proporcionados "num claro pacto de infâmia contra a democracia e a Constituição espanhola de 1978", pelo "Totum revolutum" de alguns partidos pró-independência; isto é, dos grupos separatistas comunistas catalães, bascos e bolivarianos que o exigiram e exigem. (s/c)

Depois de 140 anos de existência do Partido Socialista Espanhol do seu histórico fundador Pablo Iglesias - para o bem ou para o mal - hoje, o socialismo "progressista" espanhol do nosso actual Primeiro-Ministro, a "vadia" Pedro Sánchez Pérez-Castejón passou, com mais dor do que glória, o rubicon de seus primeiros quatro anos de poder, mas ele ainda continuará! - pela graça de Deus!, mais quatro anos na presidência do Governo do Reino de Espanha. Portanto, com grande diferença cronológica, já se fala com total clareza do declínio deste partido histórico do avô de Pablo Iglesias Jr., pai de Nicolás Redondo, ou do "tandem" de Felipe González & Alfonso Guerra, etc., até recentemente dominante, mas hoje, muito degradado e abandonado pelos seus eleitores que esperam agora! uma renovação total urgente.

Os espanhóis que sempre apoiaram o Partido Socialista aderirão a certos valores fundadores; Ou seja, depois de 140 anos de honestidade, justiça social, igualdade de direitos e oportunidades, etc., etc., o novo partido de Pedro Sánchez, agora! não encarna E talvez! É preciso testemunhar a sua demissão prematura, queimada durante muito tempo pela sua conversa vã, pelo narcisismo ideológico, pelas perturbações, pelas mentiras e pe-

las armadilhas saduceus; embora continue a ser o principal trunfo político espanhol de Ursula von der Leyen, e por mais que o seu destino já esteja traçado ou que todo o tipo de críticas tenham começado a cercá-la aqui, em Espanha, na



União Europeia ou para além das nossas fronteiras, mas que, infelizmente, os actuais quadros do PSOE/Organização não parecem estar afectados nem mesmo conscientes da situação.

Descrevamos agora, em poucas palavras, alguns dos traços mais característicos de um político a "vadia" ou "vagabunda":

• Você deve saber que possui grandes habilidades e engenhosidade para enganar e evitar o engano. Ele não insinua o que sente e esconde astuciosamente suas intenções. Ele usa truques para atingir seus propósitos de maneira inteligente. É sutil e hábil no disfarce, no fingimento e na desfiguração. Ele sabe esconder algo, misturando com outra coisa para que não seja reconhecido. Você teimosamente mantém opiniões, atitudes ou decisões, apesar dos motivos que deveriam dissuadi-lo. Ele tem um senso muito especial de oportunidade, ritmo, prazo, sincronismo e prazo. Ele sabe usar habilmente o relógio e o calendário como armas políticas. Ele vagueia com facilidade e naturalidade pela linha que une ofensa e bajulação.

Ele sabe como ignorar facilmente o que sabe. Ele sabe ignorar o que deseja tolerar. E, além disso, sabe passar pelo buraco de uma agulha, nadar e guardar a roupa, caçar na hora, tirar bolas de uma garrafa e contar, num relance, o número

de espinhos de um pente.

Todos os políticos, se quiserem sobreviver como tais e o nosso actual presidente, a típica "vagabunda", pensa e acredita, devem ter a capacidade de saltar à corda sem enroscar os pés e, além disso, devem possuir certas virtudes de raposa. É natural que, para exercer a política, seja necessária uma certa astúcia, mas não tanto a ponto de ascender na escala de raposa, da categoria de raposa à de "estranho"; aparecem em La Zarzuela para serem investidos por H.M. O Rei, Felipe VI, como presidente do Governo do Reino de Espanha por um período renovado de (?) anos.

• PONTO FINAL

Devo confessar a vocês, colegas leitores deste Facebook ("pessoal e intransferível"), que me diverti muito desenhando a imagem de uma política "vadia" ou "vagabunda"; e agora que você tem, divirta-se, se quiser! Pendurar essa denominação nas costas daqueles que mais a merecem.

SAUDAÇÕES, IRMÃOS MOÇAMBICANOS

“O ensino básico deve ser abrangente e de qualidade”



Vera Tsurane

Dentre os concorrentes verificados, tenho que dizer antes de mais muito obrigada, porque foi muita coragem do meu país, dos meus concidadãos em votarem em mim tão massivamente, eu sendo mulher. O continente tem ou já teve alguns exemplos mas é preciso que se admita que ainda não atingimos africanamente tamanha liberdade. É por aí que vai começar a nossa luta, temos que contribuir como bons moçambicanos que somos para enaltecer a nossa África, o nosso continente não pode ser relegado, pelo texto do planeta, como símbolo da desgraça. Vamos mudar a variável mundana do continente africano mas isso começa por melhor Moçambique que é o nosso berço local. Questões de fome e abrigo em Moçambique acabarão no meu

primeiro ano de mandato. Isso é inadmissível, depois passado imediatamente para a educação para todos, o ensino básico deve ser abrangente e de qualidade, todas as crianças deverão ser todas alfabetizadas de acordo com a demografia.

Deveremos melhorar também os serviços de saúde, temos que ter a capacidade de garantir excelentes formações na área para que recorramos aos serviços sanitários estrangeiros apenas por troca de experiência e mais ganhos e não necessariamente por carência como tem sido, temos que acabar com aquela imagem de pessoas mal nutridas, magras de sede, que se procura vender para o mundo a fora. Precisaremos ter enfermeiros qualificados e investir no bem-estar no interior dos nossos hospitais.



Quinta-Feira, 23 de Novembro de 2023

Tabela Cambial

	Compra	Venda
USD	63.25	64.51
ZAR	3.40	3.46
EUR	69.01	70.39

Eu sou professora e isso é humilhante!

Não precisava o meu pai usar taxativamente tais palavras para que eu chegasse a esta conclusão, bastava de facto seguir com as suas ordens, orientações e conselhos para que percebesse o quão poderia ser gratificante - para si, para mim e, o mais importante naquele modelo educativo, para o mundo - que qualquer um de nós viesse a tornar-se num professor, isso porque chegaria a ser vergonhoso para o meu pai aludir sobre um mesmo desejo para todos nós mas, lá a dentro do seu eu, isso era um belo de um sonho e nada absurdo.

Pai nunca disse-me que devia seguir a carreira de professora mas sempre dizia-me que devia portar-se tal como uma exemplar professora da vida, isto é, não daqueles formados para essa carreira, mas uma ainda melhor, aquela que ensina tudo e a todos, aliás é desta forma que ele educava-nos.

"O professorado é a profissão mais nobre do mundo" foram as minhas palavras para o meu pai após participar em grandes debates da arena política nacional, nos quais só os chamados profetas discutiam os assuntos sem se esquecer da moralidade e da ética com que se deve tratar os assuntos políticos e todos outros. Os outros, os políticos esgrimiam-se em tentar convencer as pessoas de que são as melhores pessoas e, a ética e moral eram visivelmente escangalhadas nos discursos destes não professores. Meu pai amou aquelas palavras vindas da minha boca, deu-lhe vontade de morrer pois teria cer-

teza de que partia feliz. Pois é filha, em todo mundo o professor é tratado com as merecidas vénias – disse-me retorquindo as minhas palavras o sábio velhote. Nessa resposta também pude perceber que mais do que o saber, a ética e a moral, lhe valia também o reconhecimento estadual, pois é, a minha frase também se referia a nobreza.

Compreendi a vida conforme os ensinamentos do meu pai e porque fazia altos estudos universais que me permitiam inclinar para o professorado, decidi então empenhar-me para ser uma grande professora, os programas de agenda nacional que eu fazia questão de participar, faziam-me cada vez mais crer que apenas como professora é que poderia iluminar o mundo, mais do que o meu pai e os debates públicos, eu ia me enchendo de Ghandi na cabeça e pouco tempo depois eu graduava e já estava pronta para seguir a carreira de professora. No ano seguinte, que chegara dois meses depois, passei no concurso e fui admitida. Li várias vezes a vitrina da direcção distrital para que não falhasse na informação que daria ao meu velhote. Quando cheguei a casa encontrei-o no seu viciado chá e disse-o com algum entusiasmo, já sou professora, começo para mês, em Fevereiro. O meu pai olhou-me no fundo nos olhos e disse: filha, você é o meu orgulho, eu confio em ti e tu como a mais velha de casa, levarás os teus dois irmãos ao mesmo porto e, sorriu levando uma vez mais

a sua chávena de chá a boca, pouco antes de terminar o gole, meu pai caiu duro de felicidade e vieram imediatamente as nossas lágrimas, que duraram até Fevereiro.

Apresentei-me então ao distrito e fui encaminhada para uma grande escola da cidade, quando lá cheguei a primeira coisa que tentei fazer depois de me terem dado as minhas turmas, foi sentar para saudar os alunos, mal consegui pois caí tão vergonhosamente que os alunos tentaram e não conseguiram segurar as suas gargalhadas. Perguntei-me imediatamente se aquela coisa que se parecia com uma cadeira para o professor era mesma alocada à presidência, mas não respondi pois os francos debates que andara antes de tudo isto já me preparavam, continuei a trabalhar e se passaram três meses, chegou então a hora do meu salário e, o responsável lá das contas foi claro em dizer que não seria para já e mais, que devia apertar o cinto, portanto a ilegalidade já me roía de fome. Passaram-se seis meses e comecei por um bolão de moedas que deixou-me emocionada porque correspondia aos seis meses mas, a frustração invade-me definitivamente quando fico a saber que noutros desse mesmo Estado, meu bolão e mais alguma coisa é só uma mensalidade, humilhante. Lembrava-me chorando de pai, pois queria tanto estar junto dele para dizer-lo que o professorado é a profissão mais humilhante deste Estado.

FICHA TÉCNICA

Director Editorial: Douglas Madjila

Administração: Hélio Pinto ; Contactos: 841385148 / 87 3017860

Redacção: Benta Edith, Orlando Júnior, Jéssica Monteiro Redacção : 87 5308210/ 82 3308210

Numero de Registro de Entidade Legais: DISP.67/GABINFO-DEPC/210/2022

Endereço: Av. Amílcar Cabral, 1542 1º andar ; Cidade de Maputo Email: luzdopensamentomz@gmail.com



DO PENSAMENTO

10 Common Human Error Causes of Collisions

- 1 INATTENTION
- 2 TOO MUCH OR TOO LITTLE ATTENTION
- 3 NOT ENOUGH TIME
- 4 NOT ENOUGH SPACE
- 5 NOT ALLOWING FOR THE MISTAKES OF OTHERS
- 6 NOT ENOUGH TRAINING
- 7 FAILURE TO ADJUST TO CONDITIONS
- 8 ATTITUDE
- 9 DRIVER IMPAIRMENT
- 10 VEHICLE FAILURE

FLAGGER FORCE.
Traffic Control Services

SOURCE: Smith System Driver Improvement Institute, Inc.

- | | | |
|--|---|---|
| 1- Falta de Atenção | dos Outros no Trânsito | Condições em desafio |
| 2 - Muita ou Pouca Atenção | 6 - Formação de
Aperfeiçoamento Profissional,
desprezada, negligente,
Insuficiente e ou inadequada | 8 - Atitude Profissional ? |
| 3 - Tempo dedicado,
Insuficiente | 7 - Falta de Compromisso
Profissional em Não se
Adequar, nem Adaptar-se
por modo Preventivo, face às | 9 - Imprudência e Desleixo
do Condutor |
| 4 - Espaços, frente e laterais,
Insuficientes | | 10 - Das Falhas técnicas
inesperadas do veículo
automóvel |
| 5 - Não contar com os Erros | | |



Por Deisy Monjana

RH em destaque: Personal Brand – Estratégias para uma Marca Pessoal de Impacto

A construção de uma marca pessoal é um processo que vai além da simples definição de um nome ou logotipo, é a criação de uma identidade única que reflete quem somos, o que representamos e o valor que oferecemos. Nesta realidade em que cada vez mais estamos conectados e em constante competitividade uma marca pessoal forte pode ser um diferencial significativo na carreira e vida profissional.

Uma marca pessoal é a soma total das experiências, habilidades, valores e a maneira como nos apresentamos ao mundo. Influencia a percepção que as pessoas têm de nós, afectando suas oportunidades de emprego, parcerias de negócios e até mesmo a forma como somos percebidos no nosso meio.

A autenticidade é essencial para uma marca pessoal eficaz. Ser verdadeiro consigo mesmo e com os outros é crucial para construir confiança e credibilidade. Em um mundo saturado de informações e imagens fabricadas, a autenticidade se destaca, ser verdadeiro sobre as nossas habilidades, conquistas e até mesmo sobre as nossas vulnerabilidades cria uma conexão genuína com as pessoas ao nosso redor.

Outro aspecto relevante para uma forte marca pessoal é a consistência, nossas acções, mensagens e comportamentos, enfim, a nossa forma de comunicar com o mundo exterior deve estar alinhada com a imagem que queremos vender ao longo do tempo. Isso torna a nossa narrativa mais coesa e fortalece a percepção que as pessoas têm de nós. Temos de ser consistentes nas nossas interações online e offline, respostas sob pressão e nas escolhas que fazemos ao longo da nossa jornada profissional.

O autoconhecimento pode ser considerado a força motora da criação de uma mar-

ca pessoal forte porque com isto identificamos os aspectos, as características que nos tornam únicos, que fazem de nós a peça fundamental no envolvimento em projectos e actividades. Pode ser uma habilidade técnica especializada, uma abordagem inovadora para resolver problemas, o facto é que comunicar nossa singularidade nos torna individuos memoráveis e atraentes para aqueles que procuram alguém com nossas especificidades.

Uma marca pessoal forte é sem duvida comprometida com a sua palavra, com os entregaveis de alta qualidade, resultados e performance. A credibilidade é também um activo valioso na construção da sua marca pessoal, é conquistada ao longo do tempo e pode ser facilmente prejudicada, por isso é fundamental protegê-la como parte integrante da nossa marca.

Todos os aspectos acautelados dão-nos visibilidade que é um fator-chave para quem investe na sua marca pessoal, construir uma presença online sólida em plataformas relevantes para sua área de actuação, partilhar conhecimento, participar de conversas relevantes e marcar presenças onde os nossos pares, clientes ou potenciais empregadores estão presentes. A visibilidade não apenas amplifica a nossa marca, mas também cria oportunidades de networking e colaboração.

Uma rede de contactos sólida é um activo valioso ao construir sua marca pessoal, relacionamentos sólidos podem levar a oportunidades de emprego, parcerias estratégicas e insights valiosos. É importante investir tempo em cultivar e manter relacionamentos genuínos e que estejamos dispostos a ajudar os outros e a buscar ajuda quando necessário.

O posicionamento estratégico é essencial na construção da marca pessoal, entender

como queremos ser percebidos e alinhar as nossas acções e comunicação a esse posicionamento. Temos de ser claros sobre os nossos objectivos de carreira e os valores que orientam as nossas decisões. Isso ajuda a criar uma narrativa coesa em torno da sua marca pessoal.

Neste processo de desenvolvimento da nossa marca pessoal não nos podemos manter estáticos, devemos nos adaptar constantemente e positivamente as mudanças do mercado, temos de evoluir, comunicar eficazmente os nossos anseios, as nossas metas e inclusive os nossos medos. Temos que identificar os nossos mentores, estudar o seu percurso e identificar o estagio em que estamos para encontrar estratégias eficazes para evoluir. Habilidades como a comunicação clara e persuasiva tanto a escrita, fala como a escuta activa são essenciais para transmitir sua mensagem de maneira impactante.

Contribuir com valor é a essência de uma marca pessoal eficaz, temos de nos fazer perguntas constantemente sobre como podemos contribuir positivamente para equipa, para a empresa ou para a comunidade seja por meio de habilidades técnicas, liderança inspiradora ou trabalho voluntário.

Construir uma marca pessoal não é apenas uma estratégia de marketing, mas sim um compromisso contínuo com o nosso crescimento e desenvolvimento. Ao investir tempo e esforço na construção de uma marca pessoal forte, estamos essencialmente a investir em nosso próprio sucesso a longo prazo. Isso não apenas abre portas profissionais, mas também contribui para uma carreira mais gratificante e significativa. Portanto, o grande investimento que podemos fazer é moldar a nossa marca pessoal hoje e colher os benefícios ao longo da sua jornada profissional.

	Assinaturas		
	Mensal	Semestral	Anual
Instituições/Função Pública	1700.000MT	10.000MT	20.000MT
Embaixadas e Fora do País	100 USD	550 USD	950 USD



Colportagem: Um método estratégico de angariação de fundos fazendo discípulos para Cristo

Por: Merciano Marques

Deus deseja que todos os seus filhos sejam prósperos em tudo, apesar de estarmos neste mundo onde teremos muitas aflições. Fazer discípulos é uma ordem que Cristo deu a sua igreja, actualmente nota-se que muitos Cristãos negligenciam esta tarefa de fazer discípulos, pensam que esta tarefa é simplesmente direccionada ao evangelista, pastor ou obreiro e, muitos pensam que trabalhar para Cristo é sufocante, é uma vida de miséria, etc. Entretanto, a obra de Cristo não é tão sufocante, é necessário que possamos reflectir e analisar alguns métodos e estratégias que possam levar avante esta obra, pois Deus confiou a nós, não a anjos, precisamos com muita oração e com a direcção do Espírito Santo pedir que ele nos dê novos horizontes de como levarmos o evangelho eterno com muita tranquilidade, para que possamos sentir uma grande benção de participar desta obra, não simplesmente nos céus quando Cristo voltar, mas também ainda estando neste mundo.

Existe um grande número de Jovens Cristãos desempregados e desocupados, todavia, Cristo nos responsabilizou a tarefa de proclamação do evangelho ao mundo inteiro (Mateus 28:18-20, Actos 1: 8)evendo que esta responsabilidade é vitalícia (Vida eterna ou morte eterna), pois consiste em salvar os perdidos, restaurar os desviados e edificar os crentes. Não seria este o momento de despertarmos do sono e abraçarmos esta nobre missão?

O colportor é comparado a um missionário, geralmente leigo. Também pode ser chamado de missionário de sustentação própria, pois trabalha por seu próprio sustento, obtido pela aquisição e revenda de literatura religiosa, em livros, revistas ou outros artigos que queira vender. Se por um lado dedicam-se a este ministério praticamente em tempo integral, por outro lado, nada impede que tenha outras atividades, inclusive um emprego fixo.

Um exemplo do uso da colportagem é a Igreja Adventista do Sétimo Dia que utiliza o trabalho dos colportores para divulgar a sua mensagens de saúde e bíblica. Os colportores adventistas, divulgam este material por iniciativa própria, de porta em porta, em escolas e empresas. A colportagem é

também praticada por fiéis da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e já foi praticada pelas Testemunhas de Jeová, agora não é mais, visto que suas publicações não são vendidas, mas mantidas por donativos voluntários. (Professora Malu Lopes, 2023).

A aderência ao trabalho de colportagem é um método estratégico de angariação de fundos, isto é, angariação de dinheiro; não obstante a proclamação do evangelho. Ao longo dos séculos, os colportores valdenses trabalhavam como mercadores ambulantes oferecendo sedas e jóias difíceis de obter nas localidades aonde iam. E, essa foi uma boa estratégia, pois, onde eram rejeitados como missionários, eram aceitos como vendedores.

Os colportores valdenses eram ótimos apresentadores das Escrituras, pois sabiam mais do que todo mundo o valor da Palavra de Deus, além de conhecerem de cor longos trechos da Bíblia diz-se que entre eles haviam muitos homens e mulheres que sabiam de cor todo o Novo Testamento. Enquanto viajavam de cidade em cidade para vender jóias, sedas, véus e outros adornos, depois de fazer a apresentação da mercadoria, eram muitas vezes questionados se tinham mais alguma coisa para apresentar; ao que respondiam: *“Certamente aqui levamos jóias mais preciosas do que estas. Temos uma jóia preciosa cuja luz permite ver a Deus; é tão radiante que pode acender o amor de Deus no coração de quem a possui”*. Ao que, abrindo o casaco, sacavam dali alguma porção da Bíblia e a liam, explicavam e vendiam às pessoas que se mostravam sedentas da água Divina.

Colportagem refere-se ao trabalho de uma pessoa que vende ou distribui mercadorias de porta em porta, geralmente livros religiosos. Nos tempos modernos, em algumas religiões, com esse tipo de atividade alguns conseguem seu sustento e o de sua família. Os colportores são pessoas devidamente preparadas para tal serviço e buscam através deste método conquistar pessoas para sua fé. Ellen Gould White, em Testimonies Vol. 9, Pág. 34. Diz: Ninguém pode negar a eficácia da obra do Colportor Evangelista e do poderoso mensageiro silencioso que é a página impressa. *“De cidade em cidade, de país*

em país, eles devem levar as publicações que contêm a promessa da breve volta do Salvador. Estas publicações devem ser traduzidas para todas as línguas; porque a todo o mundo deve o evangelho ser pregado...”

Portanto, com a colportagem, onde a voz do pregador não podia chegar, ali o Colportor Evangelista planta a semente. Pessoas que de outro modo não conheceriam a verdade, recebem nas mãos consagradas de um Colportor o conhecimento da verdade bíblica. Com a colportagem é possível custear a formação num Instituto e inclusive numa Universidade. Os Cristãos precisam aderir esta nobre missão pois sairão abençoados em diversas vertentes. O foco principal nesse processo de colportagem é a proclamação do evangelho.

Aqueles que tem estado na escola, saiam para o campo e ponham em prática o conhecimento que adquiriram, se os colportores fizerem isto, usando a habilidade que Deus lhe deu, buscando o conselho dele e combinando o trabalho de vender livros com o serviço pessoal em favor do povo, seus talentos aumentarão pelo exercício e eles aprenderão muitas lições práticas, das quais não lhes seria possível aprender na escola. A educação obtida por este meio prático pode, apropriadamente, ser chamado educação superior (White, Ellen G, O Colportor Evangelista, p.32,33.).

Existem vários tipos de colportagem que podem facilitar no processo de angariação de fundos, assim como na partilha do evangelho eterno: A colportagem de porta em porta; Colportagem nas igrejas com os livros denominacionais e com Belas Histórias da Bíblia e Colportagem nas empresas com palestras; etc. O êxito é certo, Deus abençoa e também as pessoas necessitam da mensagem que os os livros contêm. A promessas de Êxito é: *“Eu estarei sempre com vocês até a consumação dos séculos.”* Mateus 28:20. Todavia, é importante que o colportor estude os sumários e índices do livro para saber mais do conteúdo e como achar qualquer ponto que lhe perguntem para que possa ter fundamentos para explicar o determinado tópico. E é também necessário que o colportor leia constantemente bons livros sobre a arte de vender; para dominar alguns princípios de como lidar com as pessoas.

FMBCAPITAL HOLDINGS PLC REÚNE-SE COM INVESTIDORES APÓS FORTES RESULTADOS DO PRIMEIRO SEMESTRE

O FMBcapital Holdings Plc (FMBCH), a holding para as operações do First Capital Bank, realizou hoje uma mesa-redonda de investidores após o anúncio de um forte conjunto de resultados nos primeiros seis meses de 2023.

Os resultados no final de Junho de 2023 seguiram-se a um desempenho já impressionante do ano de 2022, que rendeu um lucro, após impostos, de US\$61,2 milhões, apresentando um crescimento significativo no desempenho financeiro. O Grupo reportou um lucro semestral, após impostos, de US\$42 milhões, um aumento de 67% em relação ao mesmo período do ano passado (lucro provisório de 2022, após impostos: US\$25 milhões).

Falando na mesa-redonda, o CEO do Grupo FMBCH, Sr. Jaco Viljoen, disse: *“É importante reunirmo-nos com os nossos accionistas para discutir o ambiente de negócios, o nosso crescimento mesmo em condições macroeconómicas desafiantes e os planos estratégicos do Grupo. Também desejamos partilhar o nosso compromisso contínuo com a excelência do serviço. Isto é apoiado por investimentos estratégicos em colaboradores, bem como em tecnologia, que têm sido essenciais para o nosso crescimento até agora.”*

Viljoen acrescentou que o Grupo continuará a perseguir as suas prioridades estratégicas, impulsionando o desempenho e o crescimento sustentáveis a longo prazo. Essas prioridades incluem o aprofundamento do valor da marca First Capital com clientes novos e existentes, aumentando a base de clientes activos e desenvolvendo o nosso capital humano. E encerrou dizendo: *“Acreditamos que, se nos focarmos nos nossos princípios, o crescimento do negócio seguir-se-á organicamente; no Grupo FMBCH a crença vem em primeiro lugar.”*

Por seu lado, a Sra. Mythri Sambasivan-George, Directora Financeira do Grupo FMBCH, reflectiu sobre as condições macroeconómicas desafiantes em cada um dos cinco mercados operacionais do Grupo. Apesar destes desafios, o rendimento operacional total do Grupo cresceu 26% no período, para US\$121 milhões. Acrescentou ainda: *“O FMBCH continua bem governado e com a intenção de manter uma posição financeira saudável que permita um desempenho e crescimento sustentáveis a longo prazo;*

prevemos um progresso constante no futuro, embora sujeito a desafios económicos, e a possível não recorrência de alguns geradores de lucros significativos no 1S2023.”

Ao partilhar o desempenho do Grupo, a Sra. Sambasivan-George destacou que cada país teve um desempenho positivo durante o primeiro semestre de 2023, aumentando a base de clientes em mais de 30.000, para 585.966 clientes. Em termos de rentabilidade, o Botswana contribuiu com US\$7,65 milhões (1S2022:



US\$6,53 milhões), o Malawi e Moçambique quase duplicaram os seus respectivos resultados para US\$16,33 milhões (1S2022: US\$8,71 milhões) e US\$8,93 milhões (1S2022: US\$3,78 milhões), respectivamente, enquanto a Zâmbia alcançou US\$4,5 milhões (US\$5 milhões no 1º semestre de 2022) e o Zimbabué mais do que quintuplicou o seu desempenho para US\$6,8 milhões (1S2022: US\$1,25 milhões).

Ela concluiu indicando que o dividendo intermediário será pago em ou por volta de 15 de Novembro de 2023 aos accionistas cujos nomes aparecerão no Registo de Membros no fecho dos negócios a 10 de Novembro de 2023. A intenção do Conselho é manter uma política de dividendos regular sujeita às aspirações de crescimento do Grupo.

Destaques operacionais:

Durante os seis meses até 30 de Junho de 2023:

- A receita líquida de juros para o semestre aumentou 25% e o total de receitas não decorrentes de juros aumentou 28%, resultando em uma receita operacional total de US\$121 milhões - um crescimento de 28% no período.
- O lucro após impostos é de US\$42 milhões - um aumento de 67% em relação a Junho de 2022.
- Os empréstimos e adiantamentos a clientes aumentaram 12% no final do período, fechando em US\$700 milhões.
- O rácio de perda de crédito sobre os adiantamentos a clientes (despesa líquida de imparidade como proporção dos adiantamentos médios) foi de 0,94% (2022: 0,5%).
- Os activos em incumprimento do Grupo em relação aos empréstimos e adiantamentos permanecem entre os mais baixos do sector.
- Os depósitos de clientes aumentaram 26% para mais de US\$1,13 mil milhões.
- Os activos totais aumentaram 11% para mais

de US\$1,54 mil milhões.

- A base de clientes combinada cresceu de 555.016 para 585.966 - trazendo mais de 30.000 novos clientes no primeiro semestre do ano.
- O Conselho de Administração decidiu pagar um dividendo intercalar de 5 162 325 USD, ou seja, 0,21 cêntimos de dólar dos EUA por acção (Junho de 2022: 0,15 cêntimos de dólar dos EUA).

Sobre o First Capital Bank Moçambique

O **First Capital Bank, SA** faz parte da **FMBcapital Holdings PLC** (Grupo FMBCH) que tem uma forte presença regional, fornecendo soluções bancárias e financeiras através das suas subsidiárias operacionais em cinco mercados da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) – Botswana, Malawi, Moçambique, Zâmbia e Zimbabue.

O First Capital Bank, SA começou a operar em Moçambique em Julho de 2013, quando assumiu as operações do *International Commercial Bank* e neste momento emprega cerca de 200 funcionários e atende às necessidades financeiras de cerca de 8.000 clientes.

Para mais informações: www.firstcapitalbank.co.mz

Sobre o FMBcapital Holdings

O FMBcapital Holdings Plc fornece soluções bancárias e financeiras através das suas subsidiárias operacionais em cinco mercados da SADC (Botswana, Malawi, Moçambique, Zâmbia e Zimbabue) com um Centro de Serviços Partilhados de Tecnologia de Informação e Operações nas Maurícias. O Grupo tem uma base total de activos de mais de 1,5 mil milhões de dólares, emprega mais de 1.900 funcionários e atende às necessidades financeiras de clientes em toda a África.

Para mais informações: <https://fmbcapitalgroup.com/>



Ensino de História na construção de múltiplas identidades em Moçambique: Avanços e Tensões

Por: Afonso José F. Carpinteiro

O ensino de história desempenha um papel fundamental na construção das identidades em qualquer sociedade, incluindo Moçambique. Ao longo dos anos, o país tem passado por transformações sociais, políticas e culturais, que influenciaram a forma como a história é ensinada e como as identidades são construídas.

Desde a independência, Moçambique tem buscado promover uma abordagem inclusiva e pluralista no ensino de história. O objetivo é reconhecer e valorizar as múltiplas identidades étnicas, culturais e históricas existentes no país.

Um dos principais avanços no ensino de história em Moçambique foi a valorização da diversidade cultural étnica do país. Moçambique é composto por uma grande variedade de grupos étnicos, cada um com sua própria história, tradições e identidade cultural. No passado, o ensino de história se concentrava principalmente na história colonial e na luta pela independência, negligenciando as outras culturas presentes no país. No entanto, nos últimos anos, houve uma maior conscientização sobre a importância de ensinar a história de

todos os grupos étnicos, o que tem contribuído para uma maior valorização e respeito pela diversidade cultural do país.

No entanto, apesar desses avanços, ainda existem tensões no ensino de história em Moçambique. Uma das principais tensões é a incorporação da história colonial no currículo escolar. A história colonial é, muitas vezes, considerada um período de opressão e exploração, e alguns argumentam que é necessário um cuidado especial ao ensinar esse período, a fim de evitar a perpetuação de estereótipos e narrativas coloniais. Além disso, existem tensões em torno da forma como o ensino de história aborda questões sensíveis, como a guerra civil e os conflitos políticos do passado. A história recente de Moçambique é marcada por violência e divisões políticas, e ensinar esses eventos de forma imparcial e respeitosa pode ser um desafio.

Outro aspeto importante nas tensões do ensino de história em Moçambique é a influência do contexto político. O currículo escolar é construído em um contexto político específico, e as agendas muitas vezes

moldam a forma como a história é ensinada. Isso pode levar a uma visão parcial ou manipuladora da história, que favorece certos grupos ou narrativas em detrimento de outros.

Além disso, há questões relacionadas à representação histórica de diferentes grupos étnicos. Algumas narrativas históricas podem enfatizar mais algumas identidades do que outras, o que pode levar a desigualdades e marginalizações no processo de formação de identidades moçambicanas sejam representadas e valorizadas no ensino de história.

Em conclusão, o ensino de história desempenha um papel crucial na construção de múltiplas identidades em Moçambique. Os avanços no ensino de história têm levado a uma maior valorização da diversidade cultural e étnica do país. No entanto, ainda existem tensões em torno do ensino de história colonial, da história recente e da influência do contexto político. É importante que o ensino de história seja abordado com sensibilidade e imparcialidade, a fim de promover uma compreensão mais ampla e inclusiva das múltiplas identidades em Moçambique.

PUBLICIDADE

LUZ DO PENSAMENTO – *Semanário Digital*

Preços de Publicidade por Edição

1/1 Pág.	10.500,00 MT
1/2 Pág.	6.500,00 MT
1/4 Pág.	4.000,00 MT
1/8 Pág.	2.500,00 MT
Rodapé primeira página	5.000,00 MT
Rodapé de Pág. 2 em diante	1.500,00 MT

EDIÇÃO ESPECIAL DE RÓTULOS “SALVEM-NOS”





Bartolomeu e Lucinda

Por: Edmersone Mujojo

Senhor Bartolomeu tinha uma voz débil, mais afável que já se vira desde os primórdios deste mundo. Uma nota a reter, nessa história que se avizinha é: que fique claro, indiscutivelmente o senhor Bartolomeu ama dona Lucinda, com todas letras, pontos e vírgulas. Ele, não se vê longe dela, à ama verdadeiramente.

E o mesmo se pode dizer da dona Lucinda. Essa, sim, que mulher formosa ela é, desde que conheceu o senhor Bartolomeu, nossa! sua vida mudou. Qual mulher que cuida do marido como ela? Mulher que põe o pão na mesa mesmo quando seu marido padece. É dela que a Bíblia cita, mulher virtuosa quem o achará? Isso mesmo, ela era uma cópia exacta.

Os dois se amavam. Não era de se negar, por contrário, sempre foi algo de afirmar com maior regozijo. É, os dois vivem juntos pese embora que cada um já tivesse uma outra experiência no que tange o casamento. Razão inegável, por isso, que ambos têm filhos. Porém, o filho da dona Lucinda chama-se Hélio, esse que corria que nem um cavalo. E tinha um sorriso que se diga de passagem meio tímido, comparando-se com o de Abel, filho do senhor Bartolomeu. Esse sim, era daqueles que não se precisa de exames médicos para provar que trata-se do filho do mesmo, mesmo, se por acidente negasse paternidade.

No entanto, a história que quero contar é do senhor Bartolomeu. Ora, senhor Bartolomeu bebia. Sendo claro, ele bebia nos finais de semana. Era modesto, e não um tipo irresponsável. Coisa comum, que os homens fazem após dias laborais. Mas nesse dia, ele bebera fora de casa. Ou seja, muito longe de casa. Coisa rara que fazia antes deste imbróglio.

A lua iluminava o mundo, naquela noite quando senhor Bartolomeu caminhava em direcção à sua casa. Tudo estava

bem, até uma certa altura. Os joelhos reclamavam de cansaço. As forças a viam evaporado. E o caminho ainda aguardava-lhe, pedindo-lhe resistência, pois, faltava ainda mais do que a metade já percorrido.

O homem caminhou, caminhou e caminhou. Mas sem explicação plausível, ele já não se encontrava na estrada. Num instante desaparecera em plena madrugada. Como se diz não gíria popular, ___ sem mais, e sem menos ___ Simplesmente a noite o engolira.

Os bichos granjeavam, e outros animais nas bermas soltavam sons enquanto ele encontrava-se em lugar incerto. É onde entra o amigo na história. Chegando em casa informa.

___ Bartolomeu perdeu-se. ___ Justo num lugar terrível.

___ Onde? ___ perguntou dona Fazila.

___ Pela estrada. ___ Lugar de assassinos.

___ Respondeu senhor Pinto.

___ Como! Exclamaram todos que a viam acordado, para ouvir aquele ocorrido.

Movida de sentimentos, dona Fazila disse:

___ Corram e vão avisar dona Lucinda. ___ Que seu marido pode estar em perigo.

Alguém correu para informar. Era o Tony, filho do senhor Pinto. Chegando lá, bateu na porta. Quando a porta roncou entreabrindo-se, deixava de vista uma mulher que estava de pijama. A notícia chegou-lhe como uma flecha em lugar certo, bem no seu peito, não registou. Entrou em pânico, segurou na cabeça. Sem tempo para regressar e vestir-se adequadamente saiu à rua. Corria.

Não pensou nas dívidas contraídas por seu marido, quando o mesmo levava seu dinheiro que ela fazia negócio no mercado e usava para pagar bebidas aos amigos, e sempre prometia que pagaria quando seu salário caísse na conta.

Os gritos irrompiam o silêncio, espedaçavam a natureza. Ali onde tudo era cla-

ro. Um lugar moradia de piores assassinos, que alguma vez existiram. E estava mais do que claro. Que aquele espaço precisava de um posto policial. Pois, já haviam vandalizado postes de telefone, e de energia, já não havia comunicação. Os carros abandonados ilustravam o desespero que alguma vez reinou nos corações dos seus ocupantes. Quem foram? Só os ditos ilustres que adam a paisana na calada na noite podem dizer.

Madrugava cada vez mais. E não havia nenhum sinal do procurado. Parecia um filme com o título ___ o mais procurado, é menos achado. ___ E a tristeza reinava nos olhos de todos. Foi então, do nada apareceu o Piloto. O nosso cão. Chamavam-lhe o nosso cão por ser de quase todos. Tomava conta de muitas casas naquele local. Afinal, a via seguido aquela turma.

Chiava. Mas ninguém o percebia. Até que senhor Pinto sentiu um ser puxando-lhe para as matas. De susto pensou que fosse um morto vivo que o empurrava para a morte.

___ Nossa! ___ gritou. Alguém me está empurrar para a morte. ___ Todos sorririam. Quebrando um pouco aquele ambiente tenso. Viu-se que era o Piloto. E a dona Lucinda ainda gritava o nome do seu marido. Desejando encontrar uma pista.

Senhor Pinto seguiu o cão. Uma surpresa. Estava vivo e respirava sem nenhum arranhão. O senhor Bartolomeu foi achado. A felicidade transbordava no peito da dona Lucinda. Dia seguinte, agendou-se uma festa. A música tocava e dona Lucinda dançava.

___ Esse cão me achou. ___ Me salvou a vida. ___ Devo-lhe o gajo a minha. Dizia senhor Bartolomeu. Acariciando os seus pelos amarelos, enquanto dava-lhe carne, e com a outra, uma palmadinha no seu rabo. A partir daquele dia, ninguém mais se esqueceu do nosso cão.

Assinaturas

	Assinaturas		
	Trimestral	Semestral	Anual
Nacional/Função pública	1000 Mts	1700 Mts	2900 Mts
Embaixadas e fora do País	50 USD	100 USD	150 USD



Imprensa africana e autoritarismo: a questão étnica no espaço político e na comunicação social de Moçambique (2012-2022) (Pat.II)

Por: Luca Bussoti

Os primeiros passos da questão étnica na imprensa privada: as reivindicações da RENAMO na década de 2010

Como visto no ponto anterior, a governação de Guebuza, muito mais autoritária e centralizadora do que a anterior de Chissano, impulsionou a tensão entre governo e RENAMO. Entre os fatores principais deste novo cenário, o elemento das reivindicações de autonomia territorial por parte do maior partido de oposição a respeito das províncias do Centro e do Norte parece exercer um papel de destaque. A imprensa moçambicana se agarrou a essa nova situação política presente no país e, sobretudo, àquela que não estava ligada ao governo e à FRELIMO, iniciou a tratar do assunto da etnicidade e das diferenças culturais entre os vários povos de Moçambique de forma um pouco mais pontual com relação ao que havia acontecido no passado. Para dar um exemplo de como a FRELIMO e a imprensa ligada ao partido continuava a considerar a questão étnica como um tabu, é suficiente aqui recordar a polémica que se levantou logo depois da eleição de Guebuza como presidente da república, em 2004. Na primeira ocasião oficial, o IX Congresso da FRELIMO, uma voz dissonante muito prestigiada, a de Graça Machel, viúva de Samora Machel (e, na altura, esposa de Nelson Mandela), assinalou o regionalismo e o tribalismo como elementos que se tinham instaurado no partido. Tendências regionalistas e tribalistas – foi assim que a Graça Machel falou – sempre foram presentes na FRELIMO, entretanto, antigamente, isso acontecia “com algum pudor”, ao passo que, agora, a mobilização é feita com base nas pertenças étnicas. A imprensa pública moçambicana, como o jornal “Notícias”, nada reporta acerca da vis polémica e “eticista” da intervenção de uma das figuras mais proeminentes do partido no poder, deixando esse espaço para a imprensa privada (GRAÇA MACHEL FAZ..., 2006) assim como para a estrangeira (GRAÇA MACHEL DENUNCIA..., 2006). No debate interno à FRELIMO, quem quebrou o terreno, indo além do discurso oficial que o partido sempre defendeu, foi Alberto Chipande, um influente general Makonde. Já em 2009, ele iniciou a

preparar o terreno para que, em 2014, o sucessor de Guebuza fosse alguém escolhido entre a sua etnia, sob o lema de que “agora é a nossa vez” [dos Makonde] de mandar. Tratou-se da tradução prática daquilo que Graça Machel receava que pudesse acontecer: uma etnicização do partido, com uma mistura evidente entre negócios e política. A imprensa pública, mais uma vez, não atribuiu tamanha importância a esses pronunciamentos de Chipande, diferentemente da privada, que tinha plena consciência do poder político e econômico que o general Makonde na reserva ainda tinha. O conceituado semanário “Savana” expressou a sua perplexidade acerca das palavras arrogantes pronunciadas por Chipande em várias circunstâncias; no caso específico, a ocasião foi um encontro organizado pelo Corredor do Desenvolvimento do Norte, uma estrutura pública que tem como finalidade ajudar a zona Norte de Moçambique no desenvolvimento econômico. Neste evento público, Chipande teoriza sobre o direito de os “libertadores” (ou seja, os membros da FRELIMO, ainda mais se fossem Makonde) fazerem “o que lhe apetece, o resto que se dane!”, invocando um “direito natural a enriquecer” determinado pela sua contribuição na libertação do país do colonialismo. Fernando Gonçalves, o editor do “Savana”, depois de reportar fielmente as afirmações de Chipande, comenta desta forma: o discurso do general Makonde, segundo afirma, contradiz toda a história da FRELIMO que, desde as suas origens, lutou para uma sociedade mais justa e inclusiva. Vice-versa, com Chipande, tais princípios são completamente postos de lado, e “a máscara vai caindo”, profetizando uma possível nova guerra que não vai começar em Cabo Delgado – como a de libertação -, mas sim, diretamente em Maputo (GONÇALVES, 2009). A profecia de Gonçalves estava errada apenas no que toca à localização do início da nova guerra, de matriz jihadista, que também arrancou em Cabo Delgado; entretanto, as razões do conflito estavam já patentes em 2009, ou seja, quase dez anos antes do primeiro ataque terrorista, que se deu em outubro de 2017 (BONATE, 2022; BUSSOTTI; TORRES, 2020). Na mesma esteira se posiciona o “CanalMoz”, diário

online do mesmo grupo do “Canal de Moçambique”, cujo editor responsável é o jornalista luso-moçambicano Fernando Veloso. Esse jornal aponta para o discurso de Chipande através de duas perspectivas: por um lado, reportando as críticas de alguns membros da FRELIMO contra o próprio Chipande, por outro, inaugurando uma linha editorial contra a corrupção e a mistura entre negócios privados e cargos públicos ou partidários, que será particularmente explorada alguns anos mais tarde, ao ser descoberto o maior escândalo financeiro de todo o continente africano: o relativo à dívida pública oculta de 2,2 mil milhões de dólares. Luís Nwachote, um jornalista de ponta naquela época, destaca as duras críticas de outros membros seniores da FRELIMO contra Chipande. Jorge Rebelo, um “caneco” histórico colaborador de Samora Machel, não aprova os pronunciamentos do poderoso Makonde, ao passo que outros dois líderes da primeira FRELIMO, Sérgio Vieira e Mariano Matsinhe, procuram interpretar o pensamento do general, atribuindo à imprensa privada uma errônea leitura das palavras dele. O artigo se desdobra apresentando os variados interesses empresariais de Chipande, desde a sua estreia, em 1995, com a “New palm International Limitada”, até as últimas sociedades por ele formadas, observando quão privilegiada havia sido a estrada dos negócios do Makonde Chipande na “sua” Cabo Delgado (NACHOTE, 2009). A diferente cobertura da questão étnica, misturada constantemente com a política e a economia, continuou a distinguir as linhas editoriais das imprensas pública e privada. A própria RENAMO, com o seu boletim informativo “A Perdiz”, por exemplo, enfatizava, em 2012, a ideia de exclusão de que Dhlakama se fazia intérprete: “Para a RENAMO, há exclusão e discriminação no acesso às oportunidades que o país oferece” (INFLEXIBILIDADE..., 2012, n.p.), com claras clivagens étnico-territoriais Sul-Norte. O discurso oficial da RENAMO, ao longo dos últimos anos da parábola (e da vida) política de Dhlakama, utilizou a questão étnica para procurar trazer mudanças no país. Insatisfeito com o tipo de governação da FRELIMO de Guebuza, preocupado com o apa-

Continuação da Pag 13

recimento de um novo partido da oposição, o Movimento Democrático de Moçambique (MDM), oficialmente fundado em 2009 e com grandes interesses na governação local, Dhlakama recorreu de novo às armas para fazer valer suas razões. Desde 2014, Dhlakama iniciou a exigir um processo mais acelerado de descentralização e de governação nas províncias (no Centro e no Norte de Moçambique), onde a RENAMO tinha ganho as eleições provinciais, primeiro ameaçando dividir o país, depois propondo soluções federalistas (ISSUFO, 2014). Tais soluções não foram acatadas pela FRELIMO, que continuava vendo o federalismo como uma abertura para uma divisão do país, com base em pertenças étnicas onde o Centro-Norte se contrapunha ao Sul. Foi a partir de meados da década de 2010 que a questão étnica, ainda em parte mascarada pelo debate sobre a forma do Estado, iniciou a aparecer no discurso político e, portanto, na imprensa, como se verá logo a seguir. Se, em seus comícios, Dhlakama dirigia-se diretamente aos povos Ndaus, Sena, Makhuwa, a imprensa pública não deixava de sublinhar as potenciais fraturas que as ameaças de Dhlakama podiam trazer ao país. Num artigo de opinião escrito em 2011 no “Notícias”, Adelino Buque realça a perigosidade do discurso do líder da RENAMO, não apenas do ponto de vista militar, mas também por considerar e enaltecer a pertença étnica de moçambicanos como Ndaus e Sena (povos do Centro do país), em contraposição ao ideal unitário que a FRELIMO e seus intelectuais ainda propalavam (BUQUE, 2011). Outras figuras-chave da FRELIMO realçam a importância de este partido ter ultrapassado o tribalismo ainda nos anos da sua fundação. Como de costume, eles expressam suas opiniões através do jornal “Notícias”, que se limita a reproduzir acriticamente o posicionamento oficial ou semioficial do partido no poder. Mariano Matsinhe, antigo primeiro-ministro, e Américo Fumo, antigo combatente e um dos fundadores da FRELIMO, destacam que a “muita agitação” inicial deveu-se ao tribalismo. Entretanto, seguindo os ensinamentos de Eduardo Mondlane “a luta pela unidade nacional foi a nossa marca [...] para a eliminação do tribalismo, o racismo e a discriminação” (CONSTRUIR..., 2012, n.p.). A imprensa filo-governamental, seguindo as indicações da FRELIMO e do governo, abordou a questão étnica como mera recordação de um passado primordial que foi definitivamente superado mediante a maturidade política adquirida ao longo do tempo, segundo um evidente processo de agenda-denial que interessava ao governo promover. Foi, portanto, na imprensa privada, que tal questão voltou a aparecer. Num artigo tar-

dio, escrito em 2019, Horácio Mobana demonstra – sem querer entrar nos detalhes da sua análise – quão profunda havia sido a penetração da questão étnica no debate público nacional. Escrevendo uma reflexão sobre Dhlakama, que havia morrido há um ano, ele procura interpretar os movimentos deste líder nos últimos tempos da sua parábola política segundo categorias completamente etnicizadas. Dhlakama, escreve Mobana, traído pelos “seus” Ndaus, a partir de 2012, muda a sua residência da Beira para Nampula, confiando no povo Amakhuwa, assim como nos Machuabo, da Zambézia. O autor conclui ter havido um excesso de entradas de indivíduos pertencentes a este povo na RENAMO, o que comprometeu o próprio partido (MOBANA, 2019). Em suma, a linha interpretativa que observadores presentes na imprensa moçambicana agora propõem se assenta em questões étnicas, que, entretanto, continuam sendo estranhas à comunicação social controlada pelo governo. Um estudo etnográfico com sólidas bases, mas que não teve nenhuma consideração por parte da imprensa oficial, procurou oferecer uma leitura mais fundamentada do relacionamento entre etnicidade (no caso, o povo Ndaus) e vida política moçambicana, com referência específica para a RENAMO (FLORÊNCIO, 2002). Por outro lado, o texto de Bernabé Lucas Ncomo sobre Uria Simango procurou oferecer uma leitura revolucionária dos primeiros anos da FRELIMO, realçando a importância dos processos de marginalização e até perseguição dentro do movimento mediante uma leitura em prevalência étnica, tornando-se um verdadeiro clássico da historiografia alternativa à oficial, propalada pela FRELIMO (NCOMO, 2004). Graças a tais estudos, a questão étnica iniciou a se diferenciar do discurso político (e, consequentemente, da comunicação social) de quem compartilhava um posicionamento filo-governamental e de quem, pelo contrário, estava na oposição. A contraposição entre imprensa pública e privada quanto ao tratamento da questão étnica se tornou nítida. O mesmo esquema repetiu-se a partir de outubro de 2017, quando ataques terroristas de matriz étnico-religiosa iniciaram a ser protagonizados no Norte do país, nomeadamente em Cabo Delgado. Apesar do cenário completamente diferente com relação à guerra com a RENAMO, o tema étnico voltou a se propor sem solução de continuidade, mas, desta vez, concentrado no conflito entre as três etnias principais do Norte: Makonde, Amakhuwa e Kimwane. Mais uma vez, a imprensa filo-governamental teve uma postura negacionista de fenômenos que, quer a imprensa privada, quer a internacional, liam como expressão de uma governação não inclusiva e que ti-

nha penalizado, ao longo da história do país, territórios e grupos étnicos específicos, que agora usavam a maneira mais terrível – a guerra – para reivindicar seus direitos.

O ressurgimento da questão étnica e a imprensa moçambicana diante do conflito no Norte do país

O “duplo jogo” que a FRELIMO procurou esconder, tendente a demonizar a questão étnica, usando a mesma para alcançar os próprios fins, começou a vir à tona nas proximidades da eleição de Nyusi à presidência da república. O terreno tinha sido preparado por Chipande, como visto acima, entretanto, as suas afirmações nunca foram levadas a sério por parte da imprensa pública. Agora, na delicada fase da escolha do sucessor de Guebuza, em 2014, os pronunciamentos de matriz étnica de Chipande constituíam um património político que os Makonde usaram para reivindicar os seus “direitos” dentro da FRELIMO. Com efeito, havia, entre os pais fundadores do partido, um acordo tácito de que a presidência devia caber, depois de esgotados os representantes do sul da linha hierárquica das origens (Machel, Chissano e Guebuza), a um Makonde, em nome da antiga aliança étnica com os Ronga. De forma concreta, o cargo devia caber ao líder dos Makonde, Alberto Chipande, o homem que, segundo a mitologia frelimista, deu o primeiro tiro contra a tropa colonial portuguesa, abrindo, assim, a luta de libertação. General na reserva, antigo ministro da defesa e conselheiro político do presidente Guebuza, Chipande, por motivos pessoais, renunciou à presidência, indigitando alguém da confiança dele: Filipe Jacinto Nyusi. O mais importante, porém, é que as reivindicações de Chipande para que um Makonde assumisse o maior cargo do Estado moçambicano eram de tipo exclusivamente étnico. Chipande nunca motivou a escolha de Nyusi em razão da sua experiência institucional (tinha sido ministro da defesa no último governo-Guebuza), ou das suas capacidades políticas, mas apenas do fato de ele pertencer aos Makonde. E era a primeira vez que isso acontecia, pelo menos de forma tão explícita. Diante destes pronunciamentos, que se tornaram a linha política, de certa forma, oficial, da FRELIMO, a imprensa pública teve de enfrentar dificuldades imprevistas, associadas a um certo embaraço. Com efeito, todo o seu discurso do politicamente correto, da unidade nacional, da memória de Mondlane e Samora Machel contra o tribalismo e o regionalismo ia para baixo com esta reviravolta protagonizada pelos Makonde. As crônicas do “Notícias” deste período de transição entre a liderança de Guebuza e a de Nyusi expressavam todas essas preocupações, pro-

Continuação da Pag 14

curando, porém, manter sempre uma linha editorial que privilegiasse uma leitura política do debate interno, em detrimento da de tipo étnico-territorial. Exatamente o contrário acontece com a imprensa privada. Marcelo Mosse, um jornalista de renome em Moçambique, antigo colaborador de Carlos Cardoso e hoje diretor da “Carta de Moçambique”, jornal online que figura entre os mais conceituados do país, destaca o uso da pertença étnica de Chipande e dos Makonde para o controlo do partido, assim como dos negócios milionários de Cabo Delgado (gás, rubis, pedras preciosas, construções), em detrimento do grupo anteriormente hegemónico, que fazia referência a Guebuza (ISSUFO, 2015). Depois da fase de transição, que culminou com a defenestração de Guebuza da presidência do partido FRELIMO em favor de Nyusi em 2015, o grupo dos Makonde procedeu a uma acelerada “makondização” do Estado moçambicano (BUSSOTTI, 2021). Em janeiro de 2017, Lagos Lidimo, um antigo general Makonde na reserva, foi nomeado chefe da intelligence moçambicana (SISE); a seguir, em outubro do mesmo ano, Rafael Bernardino foi nomeado chefe da polícia de Moçambique (PRM), enquanto Atanásio Salvador M’Tumuke continuava como ministro da defesa, todos eles pertencentes à etnia Makonde. Mais uma vez, a imprensa privada e a pública se dividiram quanto à abordagem com a qual ler estas nomeações por parte do presidente Nyusi. No primeiro caso, vários jornais privados chegam a formular a ideia de um “pentágono do poder” Makonde, formado por M’Tumuke, Nalyambipano, Chipande, Lidimo e o próprio Nyusi (COMPLETANDO..., 2017). A “Carta de Moçambique” assinalou como a gestão de setores estratégicos do Estado continuou a privilegiar uma lógica de linhagem étnica e até familiar, como aconteceu em 2022, quando o chefe da PRM nomeou, juntamente com outros quadros daquela corporação, seu filho, Fernando Bernardino Rafael, a subinspetor da polícia. A indignação dos outros quadros, como assinalou a “Carta”, não se fez esperar, uma vez que essa promoção se deu apenas três anos depois de o jovem Rafael ter entrado nas fileiras da polícia (BERNARDINO..., 2022). De contra, a imprensa pública continuava a limitar-se a reportar os fatos da forma mais próxima possível à versão oficial do governo, enaltecendo os supostos méritos das figuras do poder Makonde. Um exemplo é a Rádio Moçambique, que, ainda em 2022, destacou o fato de Bernardino Rafael ter sido premiado com uma medalha privada pela polícia nacional de São Tomé e Príncipe, fazendo jus, assim, o chefe da polícia moçambicana, a um merecido destaque internacional (COMANDANTE-GE-

RAL..., 2022). No caso do monopólio econômico dos recursos naturais de Cabo Delgado por membros influentes da FRELIMO de etnia Makonde, a questão é ainda mais complexa: o episódio provavelmente mais significativo deu-se em Montepuez, Cabo Delgado, território que está fora dos distritos habitados pelos Makonde (os sete do Planalto). Aqui, foi descoberto o maior jazigo de rubis do mundo por parte de um camponês da zona, em 2009 (calcula-se que cerca de 40% da produção mundial de rubis venha, hoje, de Montepuez). Inicialmente, houve uma exploração informal, com muitos garimpeiros que andavam à procura de ouro, rubis e outros minerais preciosos para alimentar as suas famílias. Tratava-se de população local, de etnia Makhuwa e Kimwane, com uma presença relevante de estrangeiros, principalmente tanzanianos e somalis. Em princípio, o terreno pertencia a Suleimane Hassane, um camponês local que tinha começado a exploração do jazigo; porém, o terreno foi atribuído, por parte das autoridades moçambicanas, a Raimundo Pachinua-pa (mais precisamente à sociedade que ele possuía, a Mwiriti Limitada), general Makonde na reserva, antigo combatente e membro do Comité Central e da Comissão Política da FRELIMO. Em suma, um dos homens mais influentes do país. A concessão do direito de uso e aproveitamento da terra (DUAT) foi concedida – segundo os membros do Comité de Gestão comunitária de Namanhumbir (localidade do distrito de Montepuez, onde se encontra o jazigo) – à revelia do Hassane, pois a consulta comunitária que, por lei, deve ser feita, não passou de um mecanismo legalizado de usurpação (VALOI, 2016). Uma vez obtido o DUAT, a Mwiriti Limitada procurou um parceiro internacional, encontrado na maior empresa mundial de exploração de rubis, a britânica Gemsfields, formando, assim, a atual companhia, a Montepuez Ruby Mining. Foi esta última sociedade que teve a concessão – em menos de dois meses – de cerca de 35 mil hectares em Namanhumbir. O processo de expulsão dos pequenos garimpeiros locais foi extremamente violento: só para recordar da gravidade da violação dos direitos humanos que a Montepuez Ruby Mining levou a cabo em Montepuez, a empresa foi sancionada com uma multa de 6,7 milhões de euros pelo Tribunal de Londres. Calcula-se que a sociedade tenha violado gravemente os direitos humanos de cerca de 300 pessoas, inclusive por meio de assassinatos, espancamentos e violações sexuais, perpetrados por parte da numerosa força de segurança (quer pública, do Estado moçambicano, quer privada, contratada diretamente pela empresa), que devia velar pela ordem pública na área operacional da britânica Gemsfiled (SILVA, 2019). É interessante ver como o

jornal “Notícias” fez a cobertura da atividade desta empresa. Dos numerosos artigos publicados sobre a matéria, a linha editorial visa enaltecer a contribuição desta sociedade ao desenvolvimento do país, à criação de novos empregos, às ações de responsabilidade social por ela levadas a cabo e também justifica os momentos trágicos da vida desse jazigo, como a morte de garimpeiros artesanais, pelo fato de eles exercerem uma atividade “ilegal”. No artigo publicado em fevereiro de 2020, por exemplo, desde o início está claro qual o posicionamento do jornal: “Os onze corpos de garimpeiros que morreram soterrados na prática do garimpo ilegal na área mineira pertencente à companhia Montepuez Ruby Mining (MRM), em Cabo Delgado, foram a enterrar na passada quinta-feira” (SOTERRADOS..., 2020, n.p.). Implicitamente, o jornal culpabiliza os falecidos pelo fato de eles terem atuado numa área que pertence a uma sociedade privada, em que nunca deveriam ter entrado. A mesma abordagem pode ser observada num artigo de 2021, quando o “Notícias” reporta, sem esconder uma certa satisfação, a condenação, por parte do Tribunal Distrital de Montepuez, de sete indivíduos praticantes do garimpo ilegal nos terrenos da Montepuez Ruby Mining a um ano de reclusão e seis meses de multa, enaltecendo o papel desta empresa, que resolveu doar a multa (cerca de 300 mil metcais, equivalentes a 5 mil dólares americanos) aos deslocados de guerra de Cabo Delgado (SETE..., 2021). A imprensa privada assumiu um posicionamento extremamente crítico para com as violações dos direitos humanos por parte da Montepuez Ruby Mining. Tomás Vieira Mário, jornalista e ativista, sublinhou, num artigo publicado pela “Carta de Moçambique”, a “inércia cúmplice das autoridades estatais moçambicanas, administrativas e judiciais, perante comprovados casos de grosseiras violações dos direitos humanos de cidadãos nacionais” (MÁRIO, 2019, n.p.). Em suma, ao progredir do processo de “makondização” do Estado e da economia de Moçambique, a imprensa privada acompanhou de forma extremamente crítica tal fenômeno, ao passo que a pública nunca fez menção deste trato da vida pública, continuando numa linha editorial que não dá conta das transformações decorrentes no país. Um sinal evidente, este, de como o autoritarismo moçambicano conseguiu impor uma linha editorial de perfil baixo à imprensa pública, de que a questão étnica representa, provavelmente, o espelho mais visível. Esta situação, porém, sofreu uma enésima aceleração em 2022, com as declarações de dois grandes generais da luta armada, mais uma vez, Chipande e, sobretudo, o Makhuwa Nihia, que enaltecem a questão étnica como a principal que o país deveria enfrentar.